

Direito à leitura de Machado de Assis, para o curso de formação de docentes em nível médio, sob a perspectiva da estética da recepção

p. 51 - 61

Adriano Chagas¹

Loraci Hofmann Tonus²

Resumo

Esta pesquisa-ação é baseada na Estética da Recepção, porque acredita-se que o professor deve utilizar um método baseado nessa teoria no ensino da literatura. Também, compreender que a literatura contribui para a humanização e é uma ferramenta para desenvolver o currículo e educar a sociedade, porque tem o mesmo valor que outros direitos humanos. Como um gênero literário dado de ler, foi utilizada a crônica: *Bondes Elétricos* (Machado de Assis), na instância do método Ampliação do Horizonte de Expectativas, que é aplicado em uma atividade final do procedimento teórico-metodológico que mostra este olhar, o Método Recepcional.

Palavras-chave: Crônica. Literatura. Método Recepcional. Estética da Recepção.

Abstract

This action-research is based on the Aesthetics of Reception, because it is believed that the teacher should use a method based in this theory in the teaching of literature. Also, understand that literature contributes to the humanization and is a tool to develop the curriculum and educate society, because it has the same value as other human rights. As a literary genre given-to-read, was used the chronicle: *Electric Trams* (Machado de Assis), in the method's instance "Expanding the Horizon of Expectations," which is applied in a final activity of the theoretical and methodological procedure that show this look, the Recepcional Method.

Keywords: Chronicle. Literature. Recepcional Method. Aesthetics of Reception.

[...] "só se pode falar verdadeiramente de uma metodologia quando ela se transformou já numa autoridade sem autor" (Hans Robert Jauss, 1994).

Letramento literário para jovens e adultos

A proposta de trabalho para o ensino de literatura, que resultou no presente texto,

constituiu-se como uma tentativa de transmitir as percepções relativas ao texto literário selecionado - *Bondes elétricos*, de Machado de Assis - a partir da consciência do pesquisador/docente para a consciência da população envolvida na pesquisa, de forma que fosse possibilitado o direito à literatura com igual importância dos direitos humanos.

Quem crê nos Direitos Humanos empenha-

1. Acadêmico de Iniciação Científica. UTFPR. E-mail: cronicaprosaica@gmail.com

2. Orientadora: Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000). Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco. E-mail: hofmann@utfpr.edu.br

se em fazer coincidir a possibilidade teórica com a realidade. No caso deste trabalho, essa possibilidade é da Estética da Recepção sob o viés do Método Receptional, utilizado para dar-a-ler, desde a fábula e romance do século XVII e XVIII, respectivamente, até o texto contemporâneo de Cristóvão Tezza – passando pela estação de *Bondes Elétricos* do século XIX - à população envolvida na pesquisa. Na verdade, uma ação do pesquisador para criar a coincidência desse olhar teórico com a realidade de cada estudante.

Por entender que a literatura compõe a elaboração de currículos, e instrumentaliza a instrução e educação da sociedade, foram realizadas oficinas de leitura, de 27 de abril a 25 de maio de 2010, com três aulas semanais. O tema circundante foi a leitura de textos literários e os consequentes pressupostos e inferências que as discentes pudessem levantar nos textos com os quais entraram em contato.

Esse trabalho objetivou promover o letramento literário de alunas, entre 17 e 58 anos, que frequentavam o 4º ano do Curso de Formação de Docentes em Nível Médio na Modalidade Normal, no Colégio Estadual de Pato Branco. Este artigo é a síntese da monografia elaborada na UTFPR, Campus Pato Branco, no Curso de Especialização Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos.

O desenvolvimento das oficinas ancorou-se no Método Receptional, originário da Estética da Recepção. Optou-se por esse olhar porque se acredita que o professor deve utilizar, no ensino de literatura, um método embasado em uma teoria. E, também, por se acreditar que a literatura tem grande poder de construir a humanidade por intermédio de alguns aspectos, conforme instrui Antonio Candido (2004): a edificação de objetos independentes como estrutura e significado; a

manifestação de emoções e a visão de mundo de indivíduos e grupos e, também, como forma de conhecimento.

A pesquisa desenvolveu-se a partir de leituras preliminares do referencial teórico. Foram realizadas oficinas de leitura e colhidas as respostas por intermédio de questionários direcionados ao trabalho realizado com as estudantes, sob a perspectiva do Método Receptional, com posterior elaboração de relatórios que serviram de respaldo ao desenvolvimento da investigação.

Os dados foram analisados à luz da Estética da Recepção. Nesse método, e a partir dele, observa-se se houve a progressão dos “Horizontes de Expectativas” ressaltados pelos discentes durante as oficinas de leitura literária. Antes, porém, lançou-se um olhar para as ações político-pedagógicas, voltadas aos jovens e adultos, exercidas nas últimas três décadas.

Objetivando-se verificar qual é o perfil de educandos jovens e adultos que cursam o Ensino Médio integrado a um curso profissionalizante, sondou-se o passado recente da população com características semelhantes às do público-alvo.

Há um reconhecimento da importância da educação de adultos que visa a fortalecer sua cidadania e sua formação cultural e torná-los capazes de contribuir na educação de seus filhos e na melhoria da qualidade de vida dessa população.

Ainda, a esse respeito, o documento base do PROEJA (2007) afirma: são características dos sujeitos jovens e adultos trazerem suas experiências de ser-estar no mundo. Por isso, foram formuladas propostas curriculares políticas e pedagógicas para dar atendimento a esse público. Ainda, pela pressão das lutas sociais, o Estado foi impulsionado a promover políticas que se caracterizem perenes nessa esfera da atuação na Educação.

Assim, uma política pública de integração da educação básica à formação para o trabalho resultaria em uma condição humanizadora da educação, se o que se pretende é a formação humana em detrimento de uma formação voltada somente para o mercado de trabalho.

A educação de jovens e adultos que não se restrinja apenas a produzir um homem para ser consumido por esse mercado é uma realidade há muito tempo debatida por intelectuais que dirigem a prática de suas ideias de forma a humanizar por intermédio da educação, assim quanto à postura do educador que atua na educação de jovens e adultos, é interessante observar as palavras do professor Álvaro Vieira Pinto (2004):

O educador tem de considerar o educando como um ser pensante. É um portador de ideias e um produtor de ideias, dotado de alta capacidade intelectual, que se revela espontaneamente em sua conversação, sua crítica aos fatos, em sua literatura oral. O educando adulto é antes de tudo um membro atuante da sociedade. (PINTO, 2004, p.83)

Sendo assim, o professor tem a função de comunicar ao aluno adulto quais são os símbolos de uso corrente na sociedade, para que o aluno se utilize deles a fim de satisfazer as novas exigências de sua consciência recém-criada, ou seja, no perpassar da consciência de ambos, aluno e professor, pode haver o descortinar de um novo conhecimento, de uma nova construção social, criada pela leitura literária.

Para acolher as necessidades geradas nas relações sociais, há uma ação proposital do homem sobre a natureza no sentido de transformá-la. Assim, os homens constroem uma segunda natureza - cultural, simbólica, - ao desenvolverem sistemas simbólicos complexos como é o da linguagem. Cabe perceber que “a eficácia humana é função da eficácia estética, e, portanto, o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar

formas pertinentes” (CANDIDO, 2004:182).

Consequentemente, o homem se reconhecerá nas construções literárias. Mas antes é necessário que o indivíduo perceba o valor da leitura no seu cotidiano, tão importante quanto os “bens incompreensíveis” (conceitos trabalhados por Louis-Joseph Lebret, 1947), como roupa e alimento, e os “compreensíveis”, como cosméticos e enfeites. A distinção entre esses bens está ligada – de acordo com a visão de Candido – com o problema dos direitos humanos, pois a maneira de conceber estes últimos depende daquilo que se classifica como bens incompreensíveis, isto é, os que não podem ser negados a ninguém (CANDIDO, 2004, p.172).

No texto *Direito à Literatura* (2004), Antonio Candido coloca *pari passu* os direitos humanos e o direito à leitura literária, caracterizando-a como fundamental no processo de desenvolvimento dos indivíduos, de uma forma que o sociólogo chama de humanização.

Nesse ponto, observa-se o problema daqueles que lutam pelos direitos humanos, pois está na base da reflexão sobre esses direitos incluir o próximo no mesmo elenco de bens que requeremos. Isto é,

[...] pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e autoeducação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado (CANDIDO, 2004, p.172).

Antonio Candido (2004) focaliza a relação da literatura com os direitos humanos de forma que a literatura corresponda a uma necessidade universal que deve ser satisfeita. Pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela organiza os seres humanos, liberta-os do caos e, por consequência, humaniza-os. Mutila-se a humanidade quando é negada a fruição da

literatura.

É perceptível que a organização da sociedade brasileira trata como se fossem compreensíveis – supérfluos – muitos bens que são incompreensíveis (imprescindíveis) e restringe a fruição desse bem humanizador, que não é distribuído de forma equitativa.

Em nossa sociedade, há fruição segundo as classes na medida em que um homem do povo está praticamente privado da possibilidade de conhecer e aproveitar a leitura de Machado de Assis ou Mário de Andrade. Para ele, fica a literatura de massa, o folclore, a sabedoria espontânea, a canção popular, o provérbio (CANDIDO, 2004, p.186).

Em seu livro *Formação da Literatura Brasileira* (1971), Antonio Candido afirma a presença do leitor junto à obra e ao autor e diz que, sem esse vértice do trinômio, não pode existir um sistema de obras. Observem-se suas palavras: “Há várias maneiras de encarar e de estudar a literatura. Suponhamos que, para se configurar plenamente como sistema articulado, ela depende do sistema do triângulo ‘autor-obra-público’, em interação dinâmica [...]” (CANDIDO, 1971, p.16).

Nesses três ângulos: os autores são os produtores literários; o público é quem recebe e avalia e sem ele não há a obra literária e, por fim, a obra com sua linguagem é o mecanismo que estabelece o elo entre autor e leitor. Isso resulta na comunicação que é chamada de literatura (CANDIDO, 1971). Para esse autor, entre os direitos humanos está o direito à literatura. Ou seja, o teórico que considera a presença do receptor do texto assevera o direito humano à leitura literária.

Sob essa perspectiva, os professores de Literatura devem ter como objetivo o aprimoramento dos alunos no aspecto concernente à leitura literária enquanto experiência estética, com a finalidade de que possam compreender e interferir nas relações de poder, no convívio social e na forma de pensar da sociedade.

A partir do método enfocado na Estética da Recepção, os docentes dessa disciplina podem priorizar a interação subjetiva dos estudantes e promover um intercâmbio de conhecimentos, procurando encadear suas experiências anteriores, pois os textos literários trabalhados em sala de aula, inevitavelmente, farão com que os alunos contrastem os contextos sociais com que se defrontam.

Existem habilidades que podem ser observadas no que concerne à leitura literária, por isso, este trabalho pretendeu verificar a competência relativa à capacidade das estudantes em apreender o caráter estético e os sentidos, os valores, as ideias e os conceitos que se presentificam nos textos abordados pela prática da hermenêutica, isto é, ao trabalho de interpretação do conteúdo ficcional e poético expresso por meio de alguns símbolos e imagens.

A esse respeito, a partir da hermenêutica de Gadamer, Jauss afirma:

[...] entendo que a hermenêutica literária tem por tarefa interpretar a relação de tensão entre texto e atualidade como um processo, no qual o diálogo entre autor, leitor e novo autor refaz a distância temporal no vai-e-vem de pergunta e resposta, entre resposta original, pergunta atual e nova solução, concretizando-se o sentido sempre doutro modo e, por isso, sempre mais rico (JAUSS, 1979, p.56).

Assim, sob essa perspectiva, o processo de observação incluiu a sondagem sobre a capacidade do educando de estabelecer relações entre fenômeno literário e contexto social em que obra e leitores estão submersos. Para tanto, aplicou-se o Método Receptivo (BORDINI; AGUIAR, 1993) que se embasa na Estética da Recepção de Hans Robert Jauss (1979,1994) – em uma perspectiva de atuação docente baseada no entendimento de Álvaro Vieira Pinto (2007). Além disso, considerou-se o direito à literatura que é, de igual forma, um direito humano, tal como afirma Antonio Candido.

A teoria, a metodologia e o entendimento foram aplicados em cinco oficinas de leitura, para que, paulatinamente, as alunas pudessem progredir seus horizontes de expectativas como ensina a Estética da Recepção.

Iniciou-se o projeto de leitura com textos escolhidos pelas alunas – na etapa Determinação do Horizonte de Expectativas – e, em seguida, leu-se uma fábula tradicional de La Fontaine, cujo título é *O cavalo que se quis vingar do veados* – na etapa Atendimento do Horizonte de Expectativa –; passou-se por uma adaptação do texto da *Quarta viagem de Gulliver* e pela crônica *Reflexões disparatadas sobre o tempo*, de Cristóvão Tezza, publicada na Gazeta do Povo – na etapa de Ruptura do Horizonte de Expectativa – em seguida, por meio de um questionário (APÊNDICE A) cumpriu-se a etapa de Questionamento do Horizonte de Expectativa. Por fim, culminou-se o trabalho com a crônica *Bondes Elétricos*, de Machado de Assis – na etapa de Ampliação do Horizonte de Expectativa.

Estética da recepção: horizontes de leitura literária

Hans Robert Jauss (1921-1977), expoente da Estética da Recepção (Alemanha, Universidade de *Konstanz* nos anos de 1960), discorre, tendo em vista a história da experiência estética, sobre as três funções da ação humana na atividade estética: a *Poesis* transparece como momento de produção; a *Katharsis* como comunicação; e a *Aisthesis* como momento da recepção.

Na *poiesis* ocorre a interação entre o autor, que também é leitor, com o receptor, que corresponde com o prazer de se sentir coautor da obra. Na *Aisthesis*, a obra age sobre o leitor que reconhece os elementos apresentados transformando-os em uma nova percepção de mundo. E na *Katharsis*, enquanto experiência subjetiva, em um primeiro momento conquista-se o leitor e, em seguida,

provoca-se-lhe um embate, ao fazê-lo assumir novas maneiras de comportamento social com base em uma reflexão sobre as ideias expostas no texto.

Assim, sob o viés de Jauss, a experiência estética que passa pela reconstrução do processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos, deve ser colocada ao lado do processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo. Nisso se constitui a historicidade da obra literária.

O teórico afirma que a relação entre pergunta e resposta como instrumento hermenêutico poderá ser mostrada como relação contínua entre problemas e soluções nos processos literários.

Para Jauss, a Estética da Recepção é uma teoria da história que dá conta do processo dinâmico de produção e recepção e da relação dinâmica entre autor, obra e público. Para isso, utiliza-se da hermenêutica da pergunta e resposta para a concretização do sentido como duplo horizonte – o implicado pela obra e o trazido pelo leitor de uma determinada sociedade.

Jauss entende que a hermenêutica literária tem por tarefa interpretar a relação de tensão entre texto e atualidade como o diálogo entre autor, leitor e novo autor e refazer a distância temporal, entre resposta original, pergunta atual e nova solução, concretizando-se o sentido sempre mais rico, ou seja, o realce e a fusão dos horizontes da experiência estética contemporânea e passada.

Abaixo, resumidamente, são apresentadas quatro de suas sete teses.

Jauss assevera, na tese quatro, que ocorre uma relação dialógica, entre o presente, momento da leitura do texto, em relação à época em que surgiu, consistindo em um “[...] mergulho no texto: o sentido atemporalmente verdadeiro de uma poesia teria de descortinar-se de forma

imediate e plena ao intérprete [...]” (JAUSS, 1994, p. 36). Nessa tese é privilegiado o mecanismo da hermenêutica, pois se dá a reconstituição do horizonte de expectativa por intermédio da lógica de pergunta e resposta, em uma amostragem de como ocorrem as análises observadas em épocas diferentes. Segundo Gadamer (1960), apud Jaus (1994): “O entendimento [é] sempre o processo de fusão de tais horizontes supostamente existentes por si mesmos.” (JAUSS, 1994, p.37)

Isso ocorreria diacronicamente (tese 5) sob a ótica de um conjunto de possíveis sentidos novos em textos antigos e sincronicamente (tese 6) na compreensão sobre a obra literária enfocada em momentos de cada época, suscitando outras leituras.

Na sétima tese, Jaus defende a característica emancipatória da literatura com seus efeitos estéticos, éticos e sociais ao abranger a experiência prosaica do leitor, ao mostrar uma realidade nova e ao causar rupturas em seus horizontes de expectativas. Por consequência, forma um leitor analítico e, assim, desenvolve novas possibilidades para procedimentos futuros quanto à leitura literária. Quanto à competência da obra literária, Jaus diz que ela é capaz de “antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, caminhos para a experiência futura”. (JAUS, 1994, p. 52)

O Método Recepional compartilha a ideia hermenêutica de fundir os horizontes da criação literária com o horizonte do sujeito-leitor. E foi ao percorrer os horizontes possibilitados pelas obras literárias selecionadas que se experienciou descortinar o prazer estético da população envolvida na pesquisa.

No próximo parágrafo, recupera-se o histórico do gênero literário crônica para contextualizar o escrito machadiano, *Bondes*

elétricos, e se apresentam os textos literários que ancoraram a realização deste trabalho.

No século XIX, a crônica aderiu ao jornal, no registro do dia a dia e passou a ser usada na modalidade de intervenção literária por escritores como Machado de Assis (1839-1908), que contemplou entre outros temas, a analogia do homem e seu trabalho.

A crônica serve ao leitor de uma narrativa em primeira pessoa - estilo nobre - que lembra a tradição oral do contador de histórias. Ela amplifica a mensagem que deseja passar, se desloca do campo meramente informativo. Dessa forma, dá margem a diversas interpretações. Assim, esse gênero pode veicular e ampliar o real do espaço da literatura e ganhar um terreno pouco percorrido e, por fim, aproxima-se da vida de todo dia.

Por isso, um dos objetivos deste trabalho foi possibilitar às estudantes do 4º ano do Curso de Formação de Docentes do Colégio Estadual de Pato Branco/PR uma leitura em que dialogam os horizontes históricos em que estão imersos o leitor e o texto.

Alguns objetivos nortearam o pesquisador: cumprir a etapa de Determinação dos Horizontes de Expectativas com leituras escolhidas pelas alunas; encaminhar as alunas para a compreensão da composição do texto fabulado de La Fontaine; promover a autonomia das alunas na leitura da adaptação *Uma civilização muito diferente*, de Rodrigues (2002), da *Quarta Viagem de Gulliver*, texto original de Jonathan Swift; conduzir as discentes a uma leitura de um texto cujo título é *Reflexões disparatadas sobre o tempo*, de Cristóvão Tezza.

Propor um estudo comparativo das obras lidas para que as alunas ponderassem sobre qual texto proporcionou mais prazer estético e qual exigiu maior reflexão; utilizar o texto machadiano *Bondes elétricos* para desvelar que, por meio da

obra literária, é possível desenvolver uma visão privilegiada acerca da realidade e criar um mundo fabulado, o qual o homem não pode ser privado de ter.

Portanto, pressupondo que os receptores do texto de Machado são iniciantes na leitura literária de obras eruditas ou difíceis, utilizou-se como aporte teórico o Método Recepcional, que considera o leitor como parte fundamental na construção ou reconstrução de sentidos para o texto e enseja que uma obra de literatura somente existe ante o trio: público, texto, autor.

A leitura deve ser vista como coprodutora de sentidos e o leitor, nesse contexto, ganha o mesmo *status* do autor e do texto, por intermédio da recriação do que é omitido e dos implícitos; do preenchimento de incompletudes, situando-se entre o movimento de expansão e a filtragem de sentidos. Então, a obra literária é dada a ler e oferecida à consciência do leitor.

O método recepcional aplicado

Para formatar as oficinas ministradas à população pesquisada, além de perguntas que expressam o trabalho hermenêutico do pesquisador/professor em relação aos textos, tomou-se como ponto de partida o entendimento de Bordini; Aguiar (1993) sobre leitura literária:

O processo de recepção se inicia antes do contato do leitor com o texto. O leitor possui um horizonte que o limita, mas que pode transformar-se continuamente, abrindo-se. Esse horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo que o povoa: vivências pessoais, sócio-históricas e normas filosóficas, religiosas, estéticas, jurídicas e ideológicas, que orientam ou explicam tais vivências. Munidos dessas referências, o sujeito busca inserir o texto que se lhe apresenta no esquadro de seu horizonte de valores. Por sua vez, o texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os (BORDINI; AGUIAR 1993: 87).

A presente análise faz um recorte do questionário e traz duas questões selecionadas que o pesquisador/professor ponderou serem suas respostas pertinentes no que tange à Ampliação do Horizonte de Expectativa das discentes.

Por se tratar de uma obra literária erudita – como se refere Antonio Candido à leitura de Machado de Assis ou como afirma Bordini; Aguiar leitura difícil, - o texto *Bondes elétricos* serviu ao propósito de ampliar o horizonte de expectativas, levando-as a perceber as diferentes perspectivas de uma mesma questão, porque traz à baila os temas anteriormente tratados nos outros textos de forma multissignificativa, até porque as estudantes já haviam elaborado respostas aos outros textos que serviram de ampliação de horizontes para a leitura nessa etapa.

Desse texto, houve 11 leitoras e o objetivo foi alcançado na fusão de horizontes em que estão imersos leitor e obra, ou seja, houve a interpretação das leitoras como parte constituinte da obra, pois 27% das alunas responderam, de acordo com as relações estabelecidas entre homens e animais nos textos literários, à questão 9 do questionário (APÊNDICE B) dirigido a esse texto, cuja formulação segue:

9. Você consegue associar o trecho abaixo com alguma cena que você viu em sua cidade ou em algum filme, mas acontecendo com seres humanos?

Ficaremos soltos, na rua, por pouco tempo, arrancando alguma erva que aí deixem crescer para recreio da vista. Mas que valem duas dentadas de erva, que nem sempre é viçosa? Enfraqueceremos; a idade ou a lazeira ir-nos-á matando, até que, para usar esta metáfora humana - esticaremos a canela. Então teremos a liberdade de apodrecer (MACHADO DE ASSIS, 1996, p.137).

As alunas compararam esse excerto do texto de Machado ao curta-metragem *Ilha das Flores*.

Quanto às outras alunas assim compararam:
- “Às favelas. Ex: Cidade de Deus” (1 aluna),

o que demonstra um conhecimento da realidade mostrada pela televisão e pelo cinema.

- “Aos pobres que vão ao lixão buscar comida e ninguém se importa com o que acontece com eles. Às pessoas moradoras de rua” (2 alunas).

Essas afirmações apresentam um conhecimento da realidade sócio-econômica presente nas cidades brasileiras, suscitado pela obra literária e reavaliado por leitoras que têm seus esquadros de visão de valores ampliados.

Na comparação observada na resposta: “Aos pobres que vão ao lixão buscar comida e ninguém se importa com o que acontece com eles”, citada anteriormente e na correlação entre o curta-metragem *Ilha das flores* e o excerto do texto de Machado, citado pelas alunas, pode-se notar que, com seus horizontes ampliados, elas conseguem notar a dinâmica da sociedade de consumo no processo de trabalho e geração de riquezas, da qual surge a desigualdade e o questionamento sobre a liberdade em uma realidade socioeconômica vista no Brasil.

Até porque, a película mostra o percurso de um tomate desde a produção, passando pela troca de trabalho por alimento, até chegar a um lugar chamado *Ilha das flores*, em Porto Alegre, em que os porcos têm preferência pelo tomate que vem com restos de feira. Está colocada a leitura pelos sujeitos que releem homens e animais comparados na crônica machadiana, escrito nos roteiros, nas telas de cinema e televisão.

O narrador, no filme, assim diz:

O que coloca os seres humanos moradores da Ilha das flores depois dos porcos na prioridade de escolha de alimentos é o fato de não terem dinheiro nem dono. O ser humano se diferencia dos outros animais [...] por ser livre; livre é o estado de quem tem liberdade (www.portacurtas.com.br/dialogos/ILHA%20DAS%20FLORES.rtf).

Em seguida, esse mesmo narrador recorre à voz de Cecília Meireles para declarar: “Liberdade

- essa palavra que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda!” (Romance XXIV, Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meireles).

Jauss (1994) diz que a capacidade da obra literária “antecipa as possibilidades que não se concretizaram, expande o espaço limitado do comportamento em sociedade em direção a novos desejos e objetivos, ao abrir percursos para a futura experiência” (JAUS, 1994, p.52). No caso, evidencia-se a mundividência das alunas que recortam o esquadro de acordo com a realidade brasileira e a experiência com o curta-metragem relacionada às orientações das suas vivências, principalmente, estéticas e, além disso, pessoais, sócio-históricas e ideológicas.

Essas leituras suscitadas correspondem à sétima tese em que Jauss defende a característica emancipatória da literatura com seus efeitos estéticos, éticos e sociais ao abranger a experiência prosaica do leitor, ao mostrar uma realidade nova e causar rupturas em seus horizontes de expectativa. Por consequência, forma um leitor analítico e, assim, desenvolve novas possibilidades para procedimentos futuros quanto à leitura literária.

Uma última questão foi proposta (nº 11) em relação ao texto machadiano, - sob o entendimento de Jauss - no sentido que a hermenêutica literária tem por trabalho explicar a relação de articulação entre texto e atualidade como o diálogo entre autor, leitor e novo autor, refazendo a distância temporal na ida e volta de pergunta e resposta, entre resposta original, pergunta atual e nova solução, o que resulta no realce e na fusão dos horizontes da experiência estética contemporânea e passada.

Eis a questão: Se você entender o texto *Bondes elétricos* como uma resposta, qual seria a pergunta? A população envolvida na pesquisa

assim pressupôs:

- “Com a evolução e a nova tecnologia, as antigas serão abandonadas?” (2 alunas).
- “Qual a importância da tecnologia?” (1 aluna).
- “Qual será o nosso futuro?” (1 aluna).
- “Por que as pessoas abandonam as novas tecnologias pelas antigas?” (1 aluna).
- “A tecnologia é boa ou é ruim?” (1 aluna).
- “Quais as consequências da tecnologia?” (2 alunas).
- “Qual a consequência da tecnologia no futuro?” (1 aluna).
- “Com o avanço da tecnologia, se esquece o passado?” (1 aluna).
- “Por que com a tecnologia as pessoas abandonam as criações antigas?” (1 aluna).

Essas perguntas expressam que houve a intersecção entre fato histórico e literário nas vozes dos sujeitos que leem a crônica de Machado em relação às suas visões de mundo, sem se aterem apenas ao contexto sócio-histórico-ideológico ou ao que teoria literária expõe sobre a literatura do *Bruxo do Cosme Velho*,

[...] pois [nem mesmo] o autor não pode subordinar a recepção ao propósito com que compusera a obra: a obra realizada desdobra, na *aisthesis* e na interpretação sucessiva, uma multiplicidade de significados que, de muito, ultrapassa o horizonte de sua origem [!] (JAUSS, 1979, p. 81, grifo no original).

Considerações finais

É na fronteira das linhas do horizonte”entre o corte diacrônico e sincrônico que se provará a historicidade da obra literária, ou seja, a aparição de interpretações cuja importância se define intermediada pelas várias compreensões emanadas por leituras em diferentes fases, sendo possível que, em certos períodos, seja mais apreciada do que em outros.

Portanto, há leituras que ocorrem posteriormente à produção e primeira recepção da obra literária e, também, pode-se notar que existe uma relação da literatura com a vida prática e cotidiana dos leitores nas suas relações estéticas, éticas e sociais.

Existe uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação estabelece um direito a todos os indivíduos enquanto sujeitos, tais como as necessidades corporais/fisiológicas e, por que não, o direito à arte e à literatura.

Diante do que foi exposto, o sistema literário esteve completo nessa experiência docente, porque na conjunção autor-obra-leitor, no término dos trabalhos aplicados pelo pesquisador, as alunas formularam perguntas julgando ser o texto machadiano a resposta para seus questionamentos no que se refere às novas tecnologias e, ainda, à relação de exclusão de muitos no mercado de trabalho, quando trouxeram - dos seus horizontes alargados - o curta-metragem: *Ilha das Flores*.

Assim, ao ter como ponto de partida suas experiências prosaicas e estéticas, estabeleceram as pressuposições trazidas por esse escrito; e encontraram respostas para o mundo que se torna cada vez mais tecnológico. Assim, ultrapassaram o horizonte original do fenômeno de arte literária e, ainda, quanto à consciência do professor, fortuitamente, a superaram.

Referências

- ARRIGUCCI Jr., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência. David Arrigucci Junior.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.
- BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. T. de. **Literatura: a formação do leitor - Alternativas Metodológicas.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Antonio Candido. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos** 4. ed., vol.2, São Paulo: Martins, 1971.

JAUSS, Hans. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans. R. et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LA FONTAINE, Jean. de. **A formiga e a cigarra**. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/fabulas.html#84>>. Acesso em 26 de setembro de 2009.

_____. **O cavalo que se quis vingar do veado**. Disponível em <http://contosencantar.blogspot.com/2009/05/o-cavalo-que-se-quis-vingar-do-veado.html>. Acesso em 26 de setembro de 2009.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim. M., **Bonds Elétricos**. Disponível em <HTTP://blogdomachadodeassis.wordpress.com/2008/10/16/nao-tendo-assistido-a-inauguracao-dos-bonds-eletricos-deixei-de-falar-neles/>. Acesso em 12 de setembro de 2009.

MOISÉS, Massaud. A crônica In: **A criação Literária: Prosa**. Massaud Moisés. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

PINTO, Álvaro V. **Sete lições sobre educação de jovens e adultos**. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PROGRAMA NACIONAL DE INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL COM A EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. PROEJA - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. Disponível em: http://www.cefetpr.edu.br/ensino/proeja/material_mec/doc_

base_25_01_07_medio.pdf. Acesso em 26 de setembro de 2009.

RODRIGUES, A. C. V. Uma civilização muito diferente In: **Viagens de Gulliver**/ Jonathan Swift (1667-1745). Coleção Aventuras Grandiosas adaptado por Ana Carolina Vieira Rodrigues. São Paulo: Rideel, 2002.

SENKO, Mônica Vieira; SOARES, Edna Anita Lopes. **Leitura literária e a estética da recepção e o ensino**. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/.../51%20Monica%20V.%20Senko.pdf>. Acesso em 12 de janeiro de 2010.

STEIN, Ernildo. **A Consciência da História: Gadamer e a hermenêutica**. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/gadamer.htm>. Acesso em 02 de Julho de 2010.

TEZZA, Cristóvão. **Reflexões disparatadas sobre o tempo**. Disponível em: <http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=872567&tit=Reflexoes-disparatadas-sobre-o-tempo>. Acesso em 19 de Setembro de 2009.

ZAPPONE, M. H. Y. **Estética da recepção**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.) **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: EDUEM, 2003, p. 135 – 145.

Apêndice A- Questões dirigidas à etapa de Questionamento do Horizonte de Expectativa?

1. Qual dos textos foi mais difícil de ler?
2. Qual das narrativas curtas mais gostou?
3. Quanto ao texto da *Quarta Viagem de Gulliver*, leria a versão original?
4. Procurou ler outra crônica de Tezza?
5. Conhece outra fábula de La Fontaine?

6. Qual obra de Machado de Assis você já leu?

Apêndice B - Questões dirigidas ao texto *Bondes Elétricos*:

1. A quem é dirigida a crônica de Machado de Assis escrita no século XIX, somente aos leitores daquela época?

2. O bonde elétrico é uma inovação tecnológica na crônica de Machado de Assis, como o autor descreve o condutor do novo veículo? O que o autor chama de “meias glórias”?

3. O que significava para a cidade do Rio de Janeiro ter como transporte os bondes elétricos?

4. Por que o autor chamou o seu bonde de comum? O que é um bonde comum para a época?

5. O autor do texto também é personagem que ouve os burros falando sobre liberdade. O que é falado sobre liberdade?

Nós somos bens da companhia. Quando tudo andar por arames, não somos já precisos, vendem-nos. Passamos naturalmente às carroças. Nesse trecho da crônica os burros se consideram como bens materiais, o que significa pertencer a uma empresa ou companhia? Por que eles acreditam que serão trocados quando todo o transporte for substituído por bondes elétricos? O que significa trocar o serviço de puxar bonde por puxar carroça?

6. Qual é o sentido do seguinte trecho da crônica de Machado de Assis:

“Justamente. Aqui acho razão ao homem. Burro magro não tem força; mas, levando pancada, puxa. Sabes o que a diretoria mandou dizer ao

antigo gerente Shannon? Mandou isto: ‘Engorde os burros, dê-lhes de comer, muito capim, muito feno, traga-os fartos, para que eles se afeiçoem ao serviço; oportunamente mudaremos de política, *all right*.’”

7. O trabalho dos burros iria ser dispensado quando os bondes elétricos assumissem todo o transporte como é contado na crônica. Por que isso aconteceria?

8. Qual tipo de trabalho sobriaria para os burros?

9. Você consegue associar o trecho abaixo com alguma cena que você viu na sua cidade ou em algum filme, mas acontecendo com seres humanos?

“Ficaremos soltos, na rua, por pouco tempo, arrancando alguma erva que aí deixem crescer para recreio da vista. Mas que valem duas dentadas de erva, que nem sempre é viçosa? Enfraqueceremos; a idade ou a lazeira ir-nos-á matando, até que, para usar esta metáfora humana — esticaremos a canela. Então teremos a liberdade de apodrecer.”

10. Você já percebeu alguma tecnologia nova substituindo a antiga? Cite exemplos:

11. Se você entender o texto como uma resposta, qual seria a pergunta?

Artigo enviado em: 21/09/2011

Accite em: 22/11/2011